



Fazendo fugir o colonial: o cosmopolitismo do Sul e as políticas subalternas de citação

Carlos Henrique de Lucas¹

Terezinha Oliveira Santos²

Há já algum tempo, algumas pessoas pesquisadoras, a exemplo de Silviano Santiago (2004) e Boaventura de Sousa Santos (2003), dentre outras (MIGNOLO, 2017; GROSFUGUEL, 2016), têm se debruçado sobre as dinâmicas de poder que regem as relações entre o Norte e o Sul globais, bem como sobre as respostas (LUCAS LIMA, 2017; BUTLER, 2018), muitas das vezes criativas e politicamente potentes em nosso sentir, que, desde a subalternidade, têm sido elaboradas visando à superação dessa assimétrica relação. Movimentos sociais, a(r)tivistas (DE LUCAS; ROCHA; ALÓS, 2020; COLLING, 2018), intelectuais, dentre outras pessoas e coletivos, têm desenvolvido caminhos, rotas de fuga talvez, com o propósito de afastar, na medida do possível, o que temos nomeado em nossas pesquisas e aulas de *ecos coloniais*, é dizer: as ressonâncias - políticas, éticas, estéticas - do colonial no presente.

E foi no intuito de fazer fugir os *ecos coloniais*, que, em 2020, no meio da eclosão de uma doença de corte mundial, a Covid-19, propusemos, e efetivamente fundamos, a Sul-Sul, um periódico de perspectiva inter/trans e multidisciplinar e assente em teorias críticas nas Humanidades e nas Ciências Sociais, a exemplo dos Estudos De(s)coloniais, dos

¹ Professor Adjunto III vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB) e à Área de Letras e Linguística da mesma instituição. Líder do Grupo de Pesquisa Corpus Possíveis. Autor de *Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade* (2017), dentre outras publicações no campo dos estudos de gênero e sexualidade. E-mail: carlos.lucas@ufob.edu.br.

² Professora Adjunta III vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB) e à Área de Letras e Linguística da mesma instituição. Líder do Grupo de Pesquisa Corpus Possíveis. E-mail: terezinha.santos@ufob.edu.br.

Estudos *Queer*, dos distintos feminismos críticos, dos Estudos Pós-Coloniais, das pedagogias críticas, dos Estudos *Crip*³, dentre outras áreas e campos. Trata-se de uma revista profundamente comprometida com os clamores, que entendemos justos e necessários, das minorias por mudanças na perversa lógica que governa o mundo hoje: o capitalismo e sua mais recente roupagem, o neoliberalismo de corte psicopolítico (HAN, 2014).

Todos os textos que temos publicado na Sul-Sul são exemplos do compromisso que mencionamos. Mas não apenas os textos, como ainda as parcerias que estabelecemos, no curso da feitura dos dossiês, com pessoas pesquisadoras de distintas regiões de nosso país, do restante da América Latina e, ainda, de países localizados em outros continentes, põem a descoberto os interesses da Sul-Sul, é dizer, a sua zona de enunciação, que é como entendemos a marcação sociopolítica de um ente no mundo. Em tempos como estes em que vivemos, faz-se necessário, mais do nunca, que anotemos o endereço de nossa enunciação: é, a Sul-Sul, uma revista crítica ao *status quo* e aos poderes de governação da vida. Vale citar, nesse sentido, James Williams (2013, p. 20), quem, sobre o pós-estruturalismo, afirma:

Se esquerda em política é definida como uma política para os que estão à margem, para os excluídos e para os que são definidos como inferiores e assim mantidos, então o *pós-estruturalismo é uma política de esquerda*. Se a direita em política é definida como uma de verdades e valores fixos, sejam tradições fixas, ou valores inalienáveis, ou verdades morais eternas, então o pós-estruturalismo se opõe a esta política. E atrai a fúria e o repúdio da direita.

Pensamos, na esteira de Williams, que a Sul-Sul, e em consonância com todo o trabalho teórico que temos desenvolvido ao longo de nossa carreira, e, em especial, no interior do PPGCHS, está comprometida com as margens, com as pessoas excluídas e

³ Desde a fundação da Sul-Sul, e de antes, temos trabalhado, em cursos e atividades extensionistas, bem como nas aulas de pós-graduação que ministramos no interior do PPGCHS, com reflexões acerca das distintas capacidades corporais. Nosso esforço tem se localizado no sentido de aproximar tais reflexões a questões de gênero e sexualidade, colocando-nos, basicamente, as seguintes perguntas: o que pode um corpo? Até onde pode ele ir? Quais são os limites que as marcas de gênero, sexualidade e capacidades corporais colocam aos corpos? Nesse sentido, entendemos que os Estudos *Crip*, conforme conceitua Francisco B. Trento (2020, p. 94), e vale citá-lo: "Crip theory, as a discipline, emerged in the last decades, and it usually builds on the intersection between Critical Disability Studies and Queer Theory. If the previously offensive interpellation 'queer' was appropriated by academia and activism to value the nonnormative subjectivities and their potential to disrupt the status quo (Butler, 2011), a similar movement happened with the 'crip' bodies – including bodies that are also queer.", podem, e muito, nos ajudar a avançar nessas questões. O professor Murillo da Silva Neto, membro de nosso grupo de pesquisa, o *Corpus Possíveis*, tem se debruçado sobre essas perguntas. Pensamos que, em breve, a Sul-Sul terá condições de produzir um dossiê sobre o tema.

consideradas inferiores. São essas as pessoas sujeitas e seus problemas que interessam ao periódico. Interessam como problemas a serem enfrentados criticamente e, desde as distintas teorias e perspectivas albergadas pela Revista, *superados* pelo pensamento criativo e heterotópico (FOUCAULT, 2013; DE LUCAS; CAETANO; SOUSA, 2021):

As heterotopias, então, seja como uma resposta das sociedades altamente reguladoras, seja, e como queremos aqui, e nisso apostamos, como instâncias de subjetivação minoritária, lugar, ou melhor, contralugar e contratempo de afeto e afetações, abrem possibilidades muitíssimo interessantes de se analisar os modos de funcionamento do poder e, talvez, nos ajudem a pensar em maneiras de superá-lo (DE LUCAS; CAETANO; SOUSA, 2021, pp. 490-491).

É dizer, e como afirmamos em outra ocasião, e aqui reafirmamos:

(...) é pertinente, e profundamente imperativo, que reflitamos sobre e (re)elaboremos estratégias políticas capazes de enfrentar esses inimigos da vida vivível, tornando possível, conforme (...) afirma Butler, que “os corpos se movam livremente dentro de uma democracia”. E para que os corpos se movam livremente, para que eles ocupem os espaços e possam (re)existir, a branquitude, a heteronormatividade, os fundamentalismos, o capacitismo, e por que não dizer o capitalismo, tomados aqui como regimes políticos e epistemológicos de governação da vida, devem ser destituídos por meio da ação crítica (LUCAS; ALÓS, 2014, p. 01).

Na travessia desses dois anos de produção acadêmica, a Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais tem muito a agradecer a todas as mãos que colaboraram e têm colaborado até aqui com o seu papel político enquanto ferramenta comunicativa a serviço das diversas formas de expressão, sejam elas científicas ou não. A sua primeira edição veio à luz em maio de 2020, em meio à disrupção pandêmica, como mencionamos, somada ao caos que a precedeu e que, com ela e por ela, se acentuou. Pode-se dizer que, neste contexto, a Sul-Sul se constituiu na porta-voz da re(ex)istência, da desobediência produtiva, da negação criativa, em busca de outras formas de existir, de respirar, gesto tão caro em tempos virulentos.⁴

Na sua editoria, atravessamos os dias, seguimos o fluxo das águas, mudamos percursos, abrimos espaços para melhor acolher as criações textuais nas suas diversidades de gênero, no verbal e não-verbal⁵, em português e em espanhol, na construção de uma

⁴ Este nosso tempo é, como todas sabem, um tempo que ficará marcado não só pela emergência da pandemia do Coronavírus, causador da Covid-19, como, ainda, de uma outra pandemia, a saber, a *infodemia*, ou seja, uma pandemia de desinformação.

⁵ No Número Especial 01, todo ele dedicado ao legado político-teórico-ativista de Marielle Franco, publicamos um Álbum de Fotos, que contou com a curadoria de Raylele Barbosa Moreira, da Profa. Dra. Amanda Motta Castro, parceira de longa data de nossos empreendimentos intelectuais, e da ativista e

Sul-Sul internacional, intercultural, inquieta, interdisciplinar e, o mais importante, *indisciplinada*, na sua vocação epistêmica de ser mais. E foi com sua juventude solar que, no final de 2021, a revista deixa o seu espaço nascente, o Grupo de Pesquisa *Corpus Possíveis*, para desaguar no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS), que a acolhe em suas duas linhas de pesquisa, a saber: **Linguagem, Cultura e Poder e Sociedade, Políticas Públicas e Sustentabilidade**. *Muda-se a dimensão institucional de editoração do periódico, mas mantêm-se sua linha e seus comprometerimentos políticos e teóricos*. Na verdade, com a movimentação da Sul-Sul para o interior do PPGCHS, ampliam-se as perspectivas, sempre críticas, e as abordagens dos problemas do presente. Esperamos que as respostas às quais a Revista chegue sejam, igualmente, ampliadas. A ver.

Nessa efusão comemorativa, a Sul-Sul apresenta uma edição especial com seis textos, já publicados, mas que, agora, surgem vertidos para a língua inglesa. Com esse ato, ampliamos a sua internacionalização. É a revista atravessando fronteiras (e não são as fronteiras feitas para serem atravessadas?⁶) como um corpo no mundo e com o mundo no seu entrecruzar de fluxos linguísticos e de compulsórias movências geopolíticas. Com a versão de parte do conteúdo da revista para o inglês, pretendemos apostar em um cosmopolitismo subalterno de visada quase que clandestina. Um tráfico de textos do Sul para o Norte. Um contrabando de ideias. De pessoas autoras, muitas delas pesquisadoras em pequenas cidades do interior do Brasil. Perde o Norte global, como nos admoesta Boaventura de Sousa Santos, em pouco ou quase nada saber do Sul. Do Sul e *desde* o Sul.

intelectual negra Anielle Franco, irmã de Marielle. Para ter acesso a esse material, basta acessar a este *link*: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/846>. Uma outra fotogaleria apareceu no Vol. 01 N. 03, intitulado “Nossos feminismos americanos e descoloniais: escritos anfíbios entre militâncias e academia”, o qual contou com a coordenação das companheiras Profa. Dra. Paola Bonavitta e Profa. Dra. Gabriela Bard Wigdor, ambas da Argentina, e da economista Jeli Camacho Becerra. A fotogaleria contou com a curadoria da Profa. Dra. Ximena Irene Cabral (2021), da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina. Para ter acesso ao material, basta acessar a este *link*: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/826>.

⁶ É, esta, não simplesmente uma pergunta retórica, mas sim que traz em si uma questão importantíssima para os estudos que temos realizado ao longo de nossas carreiras: as fronteiras, sejam elas físicas ou simbólicas, mais do que nunca, estão sendo *ameaçadas* pelos corpos considerados invasores, criminosos, perigosos: corpos trans, imigrantes, não brancos, afeminados, com deficiência, de dimensões rebeldes aos padrões normativos de beleza e admissibilidade social. É por esse motivo que voltam, e com força, a crescer os movimentos de extrema-direita pelo mundo afora. Entendemos que eles constituem uma resposta do poder, ou melhor, *dos poderes que nos querem aprisionar*, a esse passamento de fronteiras, a essa *invasão* que referimos. “Os corpos escapam”, como tão bela e poderosamente afirmou certa vez Guacira Lopes Louro. Escapam e seguirão escapando. Até o ponto em que as fronteiras mesmas perderão o sentido de existir, posto que rasuradas pelos *des-loca*-mentos muitos dos corpos indesejados.

E a edição que ora ofertamos tem por propósito cobrir parte dessa lacuna de saberes.

O primeiro texto que compõe este número é *The emerging Nazi capitalist anti-intellectualism and the role of scientific, philosophical, artistic, and mystical knowledge as critical and creative resistance in the social diffusion of knowledge*, de Dante Augusto Galeffi, quem, de maneira engenhosa, sensível e criativa, propõe uma

reflection of the emerging phenomenon of the anti-intellectualism ideology that has become the hegemonic political narrative of the extreme right worldwide at the present time and, particularly in Brazil, it has gained a space that has taken over the discourse of established power, which requires a careful and polylogical investigation of the genesis of the political use of social networks that propagate the Nazi capitalist discourse and promote what can be called “psychopower” and “psychopolitics”, according to the philosopher Byung-Chul Han, seeking to thereby unmask the devices for the production of truths based on a dogmatic denial of science and traditional and available human knowledge.

Possui, o texto de Galeffi, em nosso sentir, a força para ser largamente citado, não só no Brasil, mas, e por isso que ele neste número figura, no Exterior, posto que propõe um conceito, o de nazi-capitalismo, extremamente valioso para ler e compreender o tempo presente. Tempo este marcado pela emergência de múltiplos fascismos.

O segundo texto, de José Francisco dos Santos, *Some Historiographical Aspects about African and Afro-Brazilian Black Men and Women in the Diaspora and in the Formation of Brazil*, propõe "another narrative about the history of black women and men in the African and Afro-Brazilian diaspora that will restore to this humanity its place of protagonism and resistance in the formation of Brazil". Trata-se de um relevante escrito na medida em que (re)coloca a pessoa negra (mulheres e homens) no centro da formação do Brasil. Recuperar o caráter de sujeito(a), ao invés de objeto, como por muitos anos as pessoas negras foram tratadas, é o que há de mais valioso no escrito de Santos.

O terceiro texto, *Memories of pain: The Sensitive Heritage of the Pandemic*, de Jamile Borges, advoga pela "the creation of new digital memorials and obituaries to preserve and tell the story of people who were victims of the coronavirus, and the political and cultural aspects of these projects of patrimonialization of mournin", em uma escrita ao mesmo tempo bela e profundamente dolorosa. Somente a sensibilidade de uma antropóloga da vida vivível poderia nos brindar com um texto tão poderoso.

Já o quarto texto, *Political History, Black Movement and Black Feminism: "#Marielle Semente" ("#Marielle Seed")*, *black women in politics*, de Ana Lúcia da Silva e Angelo Piori,

se debruça sobre a trajetória de vida e o legado político da vereadora Marielle Franco, quem foi brutalmente assassinada em 14 de março de 2018 na cidade do Rio de Janeiro. Ainda a partir do legado de Marielle Franco, Diego dos Santos Reis, no quinto texto, reflete sobre "the revolt as a force of resistance also resonates in these lines, whose cry for justice is materialized in the insurgent voices and bodies, which denounce the intolerable measures, gestures and actions anchored in the racial and sexual pacts in the country". É um texto tremendo e que, certamente, irá fazer irromper revoltas. Assim esperamos.

No último e sexto texto, Tania Kuhnen, desde os feminismos latino-americanos e da experiência das mulheres desse continente, apresenta alguns elementos para pensar um (eco)feminismo do Sul Global. A "Marcha das Margaridas", movimento analisado pela pesquisadora no escrito, "constructs alternative paths for policies of colonization of life, based on con-fronting agribusiness and monocultures destined to the production of commodities, in the socioenvironmental preservation through agroecological practices and in the support of human and non-human forms of life and in the defense of the autonomy and diversity in the life of peasant women". O texto de Kuhnen é extremamente importante se se deseja construir caminhos alternativos à colonização da vida.

Antes de encerrarmos, gostaríamos de brevemente tratar das *políticas subalternas de citação* com vistas a fazer fugir o colonial. O que queremos dizer com isso? Que, estrategicamente, precisamos, nós, do Sul, pensar formas objetivas de enfrentar a força, quase que irresistível, da colonialidade, a qual se espraia, como sabemos a partir de Anibal Quijano (2005) e Enrique Dussel (2005), pelo ser, saber, poder e também pelo sentir. E a estratégia objetiva que propomos é esta:

Precisamos de dar protagonismo aos nossos textos, aos escritos do Sul e pelo Sul, os quais, do ponto de vista teórico, nele se ancoram, por meio da sua citação direta em nossas reflexões, artigos/ensaios, nos programas dos componentes curriculares que ministramos, nas aulas que lecionamos, nas palestras que proferimos, nos projetos que submetemos às agências de fomento, tanto as nacionais quanto, e sobretudo, as internacionais etc. Citar os textos do Sul com os dois pés na subalternidade e criticidade é imperativo posto que esse gesto tem o potencial, nisso cremos, de disseminar conhecimentos minoritários, pondo em marcha micropolíticas heterotópicas. Entendemos, ainda, que a versão de nossos textos para as línguas inglesa, e também espanhola, é algo incontornável

se desejamos estabelecer um diálogo produtivo e também criativo, não sem tensionamentos, com o Norte Global.

Ratificamos essa urgente e necessária ação protagonista como as nossas considerações finais. Tomando a Sul-Sul como objeto da reflexão, acrescentamos que no disseminar de conhecimentos minoritários encontram-se a experiência, o sujeito da experiência e os saberes da experiência (BONDÍA, 2002). Sendo a experiência aquilo que nos toca, aquilo que nos interpela, a travessia, o expor-se a algo, a Sul-Sul, como um artefato da experiência, denota a essa palavra a sua coragem de se lançar num tempo/espço para se fazer existência, ou melhor, re(ex)istência: a resistência que se faz pela presença mesma da existência minoritária. Não basta, nesse sentido, tão-somente resistir: é preciso ir além. Apresentar, como argumentamos no início, respostas aos poderes de governação da vida, poderes esses calcados no colonial que retorna como colonialidade.

De acordo com Bondía, na lógica da experiência estão presentes a diferença, a heterogeneidade e a pluralidade, assim sendo o seu compartilhar é um movimento de dialogia sem perder a sua heterologia. E a Sul-Sul está inserida nesse movimento. Em relação ao saber da experiência, como ele diz, “(...) é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (p27.), é dizer, tem a ver com as cosmopercepções, com a abertura de si para o mundo, para as experiências em sua destacada capacidade de nos formar e de nos transformar.

Referências

Boaventura de Sousa Santos, «Poderá o direito ser emancipatório?», Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 65 | 2003, publicado a 01 outubro 2012, consultado a 25 maio 2022. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/1180>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.1180>.

BONDÍA, Jorge Larrosa, Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n19, jan/fev/mar/abr,2002, p. 19 -28.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTRO, A. M.; FRANCO, A.; BARBOSA MOREIRA, R. . Álbum de fotos: Marielle Presente!.

Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais, [S. l.], v. 1, n. Especial, p. 146–174, 2021. DOI: 10.53282/sulsul.v1iEspecial.846. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/846>. Acesso em: 31 maio. 2022.

CABRAL, X. I. Fotogaleria. Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais, [S. l.], v. 1, n. 03, p. 210–213, 2021. DOI: 10.53282/sulsul.v1i03.826. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/826>. Acesso em: 31 maio. 2022.

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. *Revista Sala Preta Eletrônica*, v. 18, p. 152-167, 2018.

DE LUCAS, Carlos Henrique; CAETANO, M. ; SOUSA, D. A. Invenções heterotópicas no Oeste da Bahia: a experiência do curso de Pré-ENEM do Programa de Extensão Re(ex)istência LGBT. *CADERNOS DE GÊNERO E TECNOLOGIA (CEFET/PR)*, v. 14, p. 487-503, 2021.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico; As Heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI *Sociedade e Estado*, vol. 31, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 25-49.

HAN, Byung Chul. *Psicopolítica: Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Trad. Alfredo Bergés. Barcelona: Herder Editorial. 2014.

LUCAS, C. H.; ALÓS, A. P. Uma crítica para enfrentar os poderes que nos querem aprisionar. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 01–03, 2016. DOI: 10.9771/peri.v1i4.15418. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/15418>. Acesso em: 26 maio. 2022.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. *Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador: Devires, 2017.

MIGNOLO, Walter D.. COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo , v. 32, n. 94, e329402, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Feb. 2021. Epub June 22, 2017. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

TRENTO, Francisco B. Crip teleportation: the animal that therefore I am—or I am not. *TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, n. 22, jul./dez. 2020, p. 91-104.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2013.